

ARTIGOS

ESTÓRIAS DE INDESEJADA SEXUALIDADE E DE AMOR INIMAGINÁVEL: COMPARANDO ROMANCES NO BRASIL E ÁFRICA DO SUL

ELAINE PEREIRA ROCHA*

Resumo: O artigo propõe um estudo sobre a construção das representações de raça e gênero em romances publicados no Brasil e na África do Sul na primeira metade do século XX. Discute como questões relacionadas às políticas raciais e às práticas cotidianas de discriminação racial foram incorporadas e retratadas em romances, e como a sexualidade aparece racializada nos romances selecionados para este estudo, demonstrando a ligação entre história e literatura.

Palavras-chave: Racismo; Representação; Literatura; Sexualidade, Miscigenação.

***Abstract:** Stories of unimaginable love and undesired sexuality: comparing novels from Brazil and South Africa. This article proposes a study the construction and representations of race and gender presented in novels published in Brazil and South Africa during the first half of twentieth century. It discusses how issues related to racial policies and everyday practices of racial discrimination were incorporated and portrayed in novels, and how human sexuality was racialized in the selected novels pointing towards a link between history and literature.*

Key-words: Racism; Representation; Literature; Sexuality; Miscegenation.

* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e docente da University of the West Indies (UWI), Cave Hill, Barbados. E-mail: <Elaine.Rocha@cavehill.uwi.edu>.

Este artigo tem por objetivo analisar as formas como a sexualidade e a afetividade entre diferentes grupos raciais foram abordadas em romances da primeira metade do século XX na África do Sul e no Brasil.¹ Para este fim, selecionamos os romances: *Seara Vermelha* e *Jubiabá*, de Jorge Amado, *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, *Too late, the Phalarope*, de Alan Paton, e *The Path of Thunder*, de Peter Abrahams; todos eles escritos e publicados em um período em que o mundo ocidental buscava classificar hierarquicamente diferentes grupos raciais, sob pretextos políticos ou científicos.² Entre os autores, Amado e Paton pertencem ao grupo racial branco e enquanto que Lima Barreto e Abrahams são mulatos.³

A escolha do período a ser estudado relaciona-se ao momento chave dos debates e das políticas raciais no Brasil e na África do Sul, que tem início mundialmente por volta de 1870, sendo significativo até a metade do século XX. Durante tal período, intelectuais, cientistas, políticos e burocratas diferiam sobre o relacionamento

¹ A polêmica questão de se dividir a humanidade entre “raças” será omitida aqui por razão do espaço dedicado ao artigo dentro da revista, mas a autora adianta que usará o termo “raça” ao referir-se aos grupos étnicos e de traços físicos diferenciados pela cor ou outras características específicas, para seguir a linha de raciocínio determinada pelas fontes utilizadas nesta pesquisa.

² AMADO, Jorge. *Seara Vermelha*. Rio de Janeiro: Record, 1978; AMADO, Jorge. *Jubiabá*. Rio de Janeiro: Record, 1978; BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Ediouro, 1997; PATON, Alan. *Too late, the phalarope*. New York: Simon and Schuster, 1995 e ABRAHAMS, Peter. *The path of thunder*. Claremont: David Phillip, 1984.

³ Apesar da intenção inicial de se incluir autores negros para este estudo, isso não pode ser feito devido à metodologia de comparação pelo fato de que não foram encontrados para o período romancistas brasileiros negros de renome, como existem na África do Sul.

físico entre elementos vistos como racialmente diferentes; em geral, isto se inseria em uma questão muito mais ampla, que era a definição da identidade nacional. Na África do Sul essa definição coloca em jogo a própria hegemonia branca, e a miscigenação é condenada em todos os sentidos, incluindo o moral e o religioso. Para aquela sociedade, em especial entre 1910 e 1950, a própria palavra *miscegenation* era proferida com reservas, pelo significado “pecaminoso” e “sujo” que traria em si e o risco da contaminação biológica, genética e cultural.⁴

No Brasil, que inaugurava o governo republicano na última década do século XIX, a impossibilidade de qualquer tipo de isolamento numa sociedade onde a miscigenação era um fator de formação da população nacional, e onde elementos de diferentes grupos étnicos vinham se misturando por mais de quatro séculos, a solução teria que ser outra. A intelectualidade brasileira, em geral definia a modernização do país como intrinsecamente ligada à “civilização” de sua população, meta a ser atingida através da infusão do elemento europeu e da adoção de padrões europeizados de desenvolvimento, neste sentido, a miscigenação tornava-se uma característica aceitável e mesmo desejável, como um fator de redenção para uma população drasticamente marcada pela mistura de grupos raciais classificados como inferiores.⁵

⁴ BLAIR, Peter. That ‘ugly word’: miscegenation and the novel in pre-Apartheid South Africa. *Modern fiction studies*, v. 49, n. 3, 2003, p. 58.

⁵ ROCHA, Elaine. Antes índio do que negro. Dimensões: *Revista de História da UFES*, Vitória, n. 18, p. 203-220, 2006.

Para a África do Sul, onde a minoria populacional branca havia apegado-se à religião, entre outros motivos para defender sua hegemonia sobre os povos conquistados, ainda que enfrentassem disputas políticas entre ingleses e afrikaners entre finais do século XIX e início do século XX, o modelo colonizador incluía a classificação e o controle restrito de cada aspecto da vida dos cidadãos, sendo indispensável que os grupos subalternos ou dominados fossem isolados ao máximo do contato com os brancos para evitar os riscos de contaminação da cultura cristã-européia pela cultura africana, que colocava em risco não apenas o projeto colonial, mas a própria civilização.

Assim, em meio à trajetória do debate racial no mundo, o Brasil optou pela miscigenação, enquanto que a África do Sul optava pela segregação total. Os efeitos dessa escolha serão sentidos na política nacionalista do Apartheid na África do Sul, e na política também nacionalista de Getúlio Vargas. Inúmeros estudos têm sido feitos sobre esses períodos em cada um desses países, com diferentes enfoques e abordagens, e este não pretende ser um estudo exaustivamente político desse período, mas uma visão sobre como essas políticas foram traduzidas nos romances do período, que retrataram situações do cotidiano vividas por cidadãos, pertencentes a diferentes grupos raciais e classes sociais. Entre os aspectos que refletem o contexto pós-colonialista dos dois países estão: o coronelismo, a extrema desigualdade e o racismo no Brasil, e as políticas de dominação e segregação racial na África do Sul, como a lei que proibia

a fabricação e comercialização da *kaffir beer*, as escolas separadas para negros, coloureds e brancos e também a extrema desigualdade em todos os sentidos.

Neste artigo enfatiza-se a história “por detrás” da obra literária, utilizando-se dos instrumentos metodológicos oferecidos pela história cultural para analisar a forma, o conteúdo, e as ideias que geraram a obra e que serão influenciadas pela mesma. Entre os que se dedicaram a essa relação, Raymond Williams e Walter Benjamin apontam para a influência do contexto do autor no produto de seu trabalho ao defender que a função intelectual não pode nunca ser isolada do contexto político-social.⁶

Isso não significa que o romance em si seja simplesmente o espelho da sociedade num particular momento, porque a literatura é um complexo produto da imaginação e experiência individuais, somada a ideologia escolhida. As dinâmicas entre a ação do escritor e sua própria trajetória histórica e posicionamento político são tão importantes quanto à pressão exercida pelos acontecimentos de seu cotidiano e pelos interesses políticos de seu discurso, além, é claro, do público ao qual o autor dirige este discurso.

Por esse motivo, o foco desse estudo é a análise de como as questões raciais aparecem nos romances selecionados, como o tratamento dado a essas questões refletem as ideologias adotadas pelos

⁶ WILLIAMS, Raymond. *Marxism and literature*. Oxford: Oxford University Press, 1977; WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992 e BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

autores e as pressões sócio-ideológicas que estes sofreram durante a sua trajetória. Em outras palavras, considera-se o *locus* – geográfico, político, social e econômico – no qual os autores estavam inseridos, *de onde* eles estavam escrevendo, e *para quem* eles escreviam.⁷

Os problemas sociais enfrentados pelos personagens dos romances analisados e seus conflitos servem para iluminar a condição humana a respeito das políticas governamentais e das imposições sócio-culturais. Por essa razão, propõe-se que um estudo da literatura numa perspectiva histórica examine não somente a história, mas também como a história é representada nos romances de um período específico. O uso combinado da biografia permite ainda identificar o ser político no romancista e o contexto de suas próprias vidas na trama dos romances. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas às experiências dos ouvintes.”⁸ Por isso foi importante comparar autores vindos de grupos raciais diferentes.

As questões relacionadas ao racismo são em si sujeitas a interpretações e representações emocionais, sejam para fins de dominação econômica, política, social ou afetiva, conforme analisadas por Peter Gay, ao conceitualizar o “outro conveniente”.⁹ Na complexidade das

⁷ DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

⁸ BENJAMIN, op. cit., 1986, p. 201.

⁹ GAY, Peter. *The cultivation of hatred – the bourgeois experience: Victoria to Freud*. London: W.W. Norton, 1993.

relações afetivo-sexuais, todas as formas de dominação e representação que marcam a herança cultural de um grupo num determinado período combinam-se e influenciam-se mutuamente.

Dessa forma, a sedução de Clara dos Anjos por Cassy, descrita por Lima Barreto em romance homônimo, é determinada pela posição racial e economicamente inferior da família da vítima em comparação ao seu sedutor.¹⁰ A forma como o autor descreve o vilão da trama não pode ser considerada neutra sob aspecto algum, já que Cassy é o mais completo vilão: assassino, mentiroso, vagabundo, imoral, inescrupuloso, que toma proveito de sua posição social – mesmo não sendo rico, ele está muito acima das famílias trabalhadoras que povoam o bairro onde vive – e do privilégio de haver nascido louro em meio a famílias pobres de mulatos e negros, para abusar sexualmente de jovens negras, mulatas ou mesmo brancas pobres e órfãs. O privilégio de nascimento é descrito como injusto em outras obras de Lima Barreto, como em *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, livro considerado como portador de elementos auto-biográficos e que é ainda preponderante naquela sociedade.¹¹ O fato de que *Clara dos Anjos* é escrito em 1912, portanto apenas vinte e quatro anos após a abolição é também relevante, ao mostrar todas as barreiras que impedem a integração econômica e social de negros e mulatos.

¹⁰ BARRETO, op. cit., 1997.

¹¹ BARRETO, Lima. *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*. São Paulo: Ática, 1995.

Por outro lado, o sul-africano Alan Paton reflete as agruras de viver numa sociedade segregada racialmente e economicamente em seus trabalhos. Em *Too late, the Phalarope*, o autor retrata o envolvimento sexual de um homem afrikaner com uma mulher *coloured*.¹² Reparem que eu não disse “o relacionamento entre”, mas “o envolvimento com”, isto devido à forma como a situação é descrita na obra. Durante todo o romance, o leitor não tem ideia do cotidiano de Stephanie, não se sabe sua idade exata, e todos os dados sobre sua vida são relatados a partir dos registros da lei: Stephanie está envolvida na produção e comércio de cerveja caseira (kaffir beer), considerada ilegal para negros e *coloureds* entre 1928 e 1961, e por essa razão é levada à prisão várias vezes.¹³ Lá ela conhece o policial afrikaner Pieter, que desenvolve por ela o que o autor chama de uma atração sexual animalesca e incontrolável. Contrastando com a descrição minimalista de Stephanie, a vida de Pieter é descrita como adequada, desde o seu perfeito físico: louro, alto, atlético, casado com a esposa ideal, que lhe deu dois filhos saudáveis, seu pai é membro importante da igreja local, e sua família altamente respeitada. Moralmente irrepreensível, ele é chefe dos escoteiros e policial incorruptível, amado por todos.

¹² Eu mantenho o termo *coloured* em inglês devido à sua indefinição racial na África do Sul, podendo significar o descendente dos imigrantes vindos da Malásia ou mulatos ou mesmo os descendentes de diferentes grupos raciais, um pouco parecido com o brasileiro “pardo”, mas não exatamente.

¹³ MAGER, Anne. *Beer, sociability and masculinity in South Africa*. Bloomington: Indiana University Press, 2010.

A ausência de dados sobre a vida de Stephanie ou mesmo de qualquer outro negro ou *coloured* integrante da estória escrita por Paton pode ser entendida pelo discurso de Nadine Gordimer, que afirma que para autores brancos não se tratava de uma omissão, mas de uma total impossibilidade de descrever um ambiente que para eles era proibido, enquanto que negros e *coloureds* poderiam descrever o ambiente dos brancos porque eles trabalhavam nas casas e nos escritórios dessas pessoas, conhecendo a sua intimidade.¹⁴

O estudo comparativo entre as sociedades brasileira e sul-africana no período mostrou que as coisas não são tão absolutas quanto as leis que as regem, ou seja, a ausência de leis de segregação no Brasil não significava que a sociedade brasileira não fosse racista, e a aceitação da miscigenação como uma característica comum entre os brasileiros não significa que todos os brasileiros fossem abertos a casamentos interraciais e dispostos a aceitar em pé de igualdade todos os mestiços.¹⁵ Na África do Sul, a presença de leis que impunham a segregação, classificação e controle dos diferentes grupos raciais começaram a ser implantadas décadas antes da lei definitiva do Apartheid, mas isso não significa que relacionamentos sexuais-afetivos entre pessoas de grupos diferentes fossem raros ou que fossem todos marcados pela violência.¹⁶

¹⁴ GORDIMER, Nadine. *The essential gesture: writings, politics and places*. Penguin: Cape Town, 1988.

¹⁵ FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

¹⁶ POSEL, Deborah. Race as common sense: racial classification in twentieth-century South Africa. *African studies*, v. 44, n. 2, p. 87-113, 2001.

Porém, o que acontecia no cotidiano se refletia de maneiras diferentes nos âmbitos político e intelectual. Enquanto na África do Sul as leis ampliavam as barreiras entre grupos raciais diferenciados e o Brasil importava cada vez mais imigrantes europeus para ampliar o número de brancos entre outras motivações, intelectuais de ambos os países traficavam entre teorias que condenavam completamente a miscigenação como fator de degeneração da população e em consequência da sociedade – teoria vitoriosa na África do Sul e nos Estados Unidos. Outros pensadores, por sua vez, tentavam uma solução para sociedades já completamente miscigenadas, nas quais mesmo as classes mais altas estavam infiltradas por elementos que “passaram-se” por brancos, e para isso apegaram-se à ideia de que os frutos da mistura racial eram elementos mais adaptados e consequentemente mais fortes. Essa teoria floresceu na América Latina, a partir da ideia do mexicano José Vasconcelos, que ganhou muitos adeptos no Brasil, entre eles o novelista Jorge Amado.¹⁷

Da mesma forma, as interpretações sobre hierarquia racial difundiam notícias em artigos de jornais e almanaques, influenciando o comportamento popular no Brasil.¹⁸ Na África do Sul, esta influência se estendia aos textos religiosos afrikaner, tornando-se ain-

¹⁷ VASCONCELOS, José. *The cosmic race*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1997.

¹⁸ ROCHA, Elaine. *Racism in novels, a comparative study of South African and Brazilian Cultural History*. New Castle: Cambridge Scholars Publishers, 2010.

da mais importante.¹⁹ Entre os ingleses, nos últimos anos do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, uma espécie de pânico acerca da miscigenação predominava nas sociedades coloniais vitorianas. De acordo com Saul Dubow, a rejeição ao sexo interracial estava ligada ao imaginário da degeneração. Este medo se refletiu em muitas novelas de autores brancos na África do Sul, mas para Paton era um risco muito mais real, porque seu pai havia caído em desgraça ao ser descoberto em um relacionamento desse tipo, fato que influenciou os escritos do novelista.²⁰ Liberal, ele defendia a igualdade entre todos os grupos raciais na África do Sul, porém com a segregação entre os grupos.²¹ Em seu mais famoso romance: *Cry the beloved country*, ele retrata a degradação moral, espiritual e física dos africanos negros retirados de sua vida tribal e realocados às margens dos centros urbanos como Johannesburg.²²

O fato da miscigenação ser tema cercado por sentimentos de rejeição/atração dificulta uma análise fundamentada somente em leis ou normas, e mesmo em documentos de processos jurídicos quando os houve, porque muitos dos aspectos afetivos envolvidos escapam ao discurso jurídico. Nesse ponto é que os romances

¹⁹ POSEL, Deborah. *The making of apartheid, 1948-1961: conflict and compromise*. Clarendon: Oxford University Press/Clarendon Press, 1991.

²⁰ DUBOW, Saul. *Scientific racism in modern South Africa*. Cape Town: Cambridge University Press, 1995.

²¹ ALEXANDER, Peter. *Alan Paton, a biography*. Oxford/Cape Town: Oxford University Press, 1995.

²² PATON, Alan. *Cry, the beloved country*. New York: Macmillan Publishing Group, 1948.

podem ajudar a lançar uma luz sobre o tema. Ao explorar as representações culturais e o próprio movimento histórico que gera o tema explorado nas novelas, pode-se visualizar o cotidiano de uma determinada sociedade dentro de uma construção do que seria uma “verdade possível”, considerando-se que toda ficção constrói-se sobre uma base de realidade.

Dentre os romances analisados neste trabalho, apenas a novela de Paton, *Too late...*, refere-se à miscigenação. Nos trabalhos aqui analisados de Jorge Amado, Lima Barreto e Peter Abrahams o relacionamento interracial não tem como consequência a miscigenação, a não ser que se considere a gravidez de Clara, que tanto assusta a mãe de Cassy, que não quer mulatos na família, como um caso de mestiçagem. Já nos romances de Jorge Amado e de Peter Abrahams isso não acontece, ainda que esses autores sejam considerados como liberais. Em *Too late...*, a palavra não é dita, o fato não é explicitamente colocado, mas nas palavras da narradora, tia de Pieter, percebe-se o pavor desta de que o filho de Stephanie cresça em proximidade com a família e os amigos de Pieter. Para ela, a solução seria mandar Stephanie com seu filho para longe, ou mesmo tirar dela a criança para ser criada em alguma vila longe dali. Uma das poucas frases ditas pela personagem feminina central dessa trama se refere exatamente à essa criança. Sem declarar que seja filho do policial com quem mantém encontros furtivos, Stephanie afirma e repete várias vezes: “ele é o único filho que jamais tive”, como a

afirmar sua fidelidade ao pai da criança. Assim, de forma velada, o romance explora os principais estereótipos a respeito dos não-brancos na África do Sul, e que estão por trás do discurso segregacionista: a tendência à promiscuidade e à criminalidade.²³

O mesmo tema aparece nas obras de Eskia Mphahlele e de Peter Abrahams, mas visto sob um outro ângulo: ambos denunciam os estereótipos em seus escritos ficcionais juntamente com o fato de que as leis na África do Sul não eram aplicadas de maneira justa, punindo com muito mais severidade aos negros e *coloureds*.²⁴ A questão da produção e consumo da cerveja caseira, por exemplo, é proibida a esses grupos enquanto que os brancos poderiam usufruir da vida social em bares, onde consumiam bebidas alcoólicas livremente.

Representações negativas sobre personagens pertencentes a outros grupos raciais são encontradas também em *Jubiabá* e *Sea-ra Vermelha* de Jorge Amado, que apresenta uma preocupação em denunciar as injustiças sociais. No primeiro, publicado em 1935, a cena de abertura é uma resposta ao racismo científico: Antônio Balduino, herói da estória, derrota o oponente alemão numa luta de boxe por nocaute. A trajetória de Balduino denuncia o racismo na Bahia, a infância abandonada, a pobreza e a miséria que levam à criminalidade e à violência.

²³ JOCHELSON, Karen. *The colour of disease: syphilis and racism in South Africa, 1880-1950*. New York: Palgrave MacMillan, 2001.

²⁴ MPHAHLELE, Eskia. *Down the second avenue*. London: Faber & Faber, 1959 e ABRAHAMS, Peter. *Mine Boy*. Johannesburg: Henneman, 1989.

Mas é no amor platônico do herói pela loura Lindinalva que os limites do liberalismo de Amado se revelam: ainda menino, Balduíno desenvolve uma obsessão por Lindinalva após ser acusado injustamente de espioná-la enquanto esta estava no banho. A violência do castigo físico transforma sua vida levando-o a fugir da casa onde vivia como criado e ir viver de pequenos crimes nas ruas de Salvador. A partir de então Lindinalva passa a representar a virtude, a inocência, a pureza e mesmo santidade na imaginação de Balduíno, que jamais consegue coragem para confessar seu amor. As vidas dos dois seguem rumos diferentes, e o adulto Balduíno desenvolve uma sexualidade hiperativa com jovens negras e mulatas, em cenas descritas em detalhes pelo autor, que se dedica especialmente a retratar a sensualidade do corpo da mulata baiana. Por outro lado, a sexualidade de Lindinalva é revelada de maneira discreta, sem detalhes, mesmo quando se torna uma prostituta do baixo meretrício. Balduíno a encontra nessa situação e, mesmo tendo dinheiro suficiente para finalmente satisfazer suas fantasias sexuais com Lindinalva, não consegue quebrar a imagem santificada que alimenta da moça loura.

A hiperssexualidade negra idealizada, retratada positivamente em Jorge Amado, é cercada de pânico nos Estados Unidos e na África do Sul; um perigo extremamente utilizado na literatura e em outros meios de comunicação naqueles países, de forma a influenciar a legislação e o comportamento coletivo na primeira metade do século XX.

O medo branco da sexualidade negra.²⁵ Na obra de Jorge Amado essas relações interracialis que, em geral acontecem entre homens brancos e mulheres mulatas, não geram filhos, portanto a miscigenação nunca acontece.

Conforme já indicado, a questão da mistura racial é parte aceitável da composição social brasileira, sendo defendida oficialmente por José Bonifácio de Andrada e Silva como estratégia para ocupação e defesa do território nacional, e para a criação de um proletariado no Brasil.²⁶ Mas a rejeição ao casamento interracial entre as famílias de classes mais elevadas leva à ausência desse tema na literatura brasileira, algo que pode ser visto também na obra de Jorge Amado. Ao final do romance *Jubiabá*, Balduíno é escolhido por Lindinalva para ser o guardião, o pai adotivo de seu filho branco. Todas as qualidades exaltadas pelo autor no personagem negro: força física, retidão de caráter, honestidade e coragem, o apresentam como o pai ideal, ainda que ele não pudesse vencer a barreira racial a ponto de ser, ele mesmo, o pai biológico do filho da mulher que ama. E o amor manifestado sexualmente entre um homem negro e uma mulher branca não se concretiza.

Assumindo claramente sua filiação ao Partido Comunista, Amado acreditava que ao solucionar a questão de classe no Brasil, conquistando-se a igualdade econômica, as diferenças raciais se

²⁵ BLAIR, op. cit., 2003, p. 581 e COETZEE, John Maxwell. The mind of Apartheid: Geoffrey Cronjé. *Social dynamics*, v. 17, n. 1, p. 1-35, 1991.

²⁶ DOLHNIKOFF, Miriam. *José Bonifácio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

resolveriam. Em *Seara Vermelha*, publicado em 1946, ele denuncia que a pobreza no Nordeste era predominantemente negra e mulata, e que mesmo após mais de cinquenta anos da abolição, essas pessoas viviam em condições próximas à escravidão.

A aceitação dessa realidade faz com que a família de Jerônimo não se rebele ao ser expulsa do latifúndio em que vivera e plantara por toda a sua vida. A caminho de São Paulo, o grupo enfrenta uma verdadeira *via crucis*, atravessando a caatinga com água e comida limitados, chegando à beira do Rio São Francisco, sem dinheiro e com a saúde debilitada, após perderem no caminho vários membros da família por diferentes motivos.

Ali, onde pretendiam tomar o trem para São Paulo com subsídios do governo, eles são novamente barrados. O estado impunha o exame de saúde para evitar que pessoas doentes embarcassem para São Paulo, num sistema de passes que lembra a realidade criada na África do Sul e que regulava o trânsito de negros e *coloureds*. Jerônimo é recusado, diagnosticado com tuberculose. O restante da família recebe tratamento para problemas menores como verminoses e mal-nutrição; ainda assim, a família se vê na impossibilidade de seguir viagem sem a presença do patriarca.

Marta, a filha adolescente, chama a atenção do médico que os examina e ele – mal intencionado desde o início – oferece a ela um emprego como doméstica. Sem dinheiro, a família se apóia no trabalho de Marta para sobreviver. Por outro lado, a moça percebe

os avanços do médico e resolve trocar a sua virgindade e honra pelo passe para que o pai embarque rumo a São Paulo. Aqui, não há amor ou romance na relação. O médico abandona qualquer postura ética ou moral para tirar proveito da situação de penúria em que a moça se encontra, algo que – o romancista mesmo coloca – ele não faria com a noiva deixada no Sul à sua espera. Marta sabe que ao perder a virgindade será desonrada e que a única saída para ela será a prostituição, mas sacrifica-se pelo bem da família que a abandona imediatamente após saber do ocorrido. Conforme explorado por Sandra Caulfield, a questão da honra entre 1918 e 1940 levou mulheres e suas famílias às barras da justiça, pedindo reparação para o crime de defloração.²⁷ Porém, o que a historiadora constatou nos documentos judiciais do Rio de Janeiro, não se repete em lugares mais distantes, em especial entre uma população de analfabetos que vivem situações de total ou semi-total dominação. Ali, a possibilidade de justiça para o caso de defloração de uma moça pobre e negra por uma autoridade branca não passa de uma banalidade do cotidiano, como Jorge Amado explora em muitos de seus romances.

Na busca de um sistema lógico para compreender e comunicar a ligação entre as políticas públicas e o cotidiano, e como os sentimentos de atração e rejeição se compõem, representações do que é ser negro e do que é ser branco naquelas circunstâncias são

²⁷ CAULFIELD, Sandra. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro: 1918-1940*. Campinas: Unicamp, 2000.

reproduzidas nos romances. Tais reconstruções dizem respeito a estruturas culturais e ao que Raymond Williams chamou de estruturas de sentimento, elementos que estão na base das relações de dominação, conformidade e resistência do dia a dia.²⁸ Neste estudo, a combinação da história com a literatura permite explorar as vulnerabilidades das relações entre diferentes (sexo, classe e raça) e as contradições humanas presentes não apenas no enredo dos romances, mas na construção das personagens.

Esta relação de dominação presente nos jogos de sedução apresentados nos romances aqui externados é analisada por Michel Foucault que explora essas nuances de poder nas relações sexuais, nas quais elementos de dominação e resistência se impõem, mas são melhor entendidos se aplicarmos a ideia proposta por Pierre Bourdieu, de que as trocas simbólicas são parte de uma economia, na qual características pessoais ou sociais podem ter um valor numa economia de troca.²⁹ Este seria o caso, por exemplo, da possibilidade de uma relação entre Antônio Balduíno e Lindinalva: ele trocaria a sua honestidade, força e valor moral, pela brancura dela; ela, por sua vez, poderia se relacionar com ele mesmo sendo uma prostituta, porque o fato de Balduíno ser negro o coloca numa posição de inferioridade.

²⁸ WILLIAMS, op. cit., 1977. Ver também CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

²⁹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1982 e FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993 e BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

Esta equação também pode ser aplicada em Peter Abrahams, autor de *The path of thunder*. Entre as novelas analisadas esta é a única que tem um verdadeiro “romance”, com uma estória de amor impossível entre o jovem *coloured* Lane e a afrikaner Sarie. Aqui também a questão da troca simbólica se apresenta, e a relação se torna igualitária quando o autor sobrepõe a brancura de uma jovem semi-analfabeta, criada na zona rural, pela superioridade intelectual do professor *coloured*, vindo de um centro urbano.

A atração inevitável entre negros e brancos, principalmente entre homens negros e mulheres brancas é analisada por Frantz Fanon em *Pele negra, máscaras brancas*.³⁰ Para ele, o homem negro, ao fazer sexo com uma mulher branca, está exercendo um desejo proibido e contido por séculos. Ao mesmo tempo o ato de “possuir” uma mulher branca daria ao homem negro uma afirmação de seu valor, e um sentido de igualdade em relação ao homem branco. Da mesma maneira, mulheres negras teriam o desejo de envolverem-se com homens brancos, sexual e afetivamente, como forma de aceitação e valorização, após anos de escravidão e racismo. Complementariamente, a atitude dos homens brancos que seduzem ou simplesmente usam mulheres negras ou mulatas como objetos sexuais – o caso de Pieter, em *Too Late...*; do doutor, em *Seara Vermelha*, e de Cassy, em *Clara dos Anjos* – é analisada como uma extensão dos direitos colonialistas que a elite retém ainda naquele período.

³⁰ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: UFBA, 2008.

A visão de Peter Abrahams, favorável à miscigenação e pela eliminação das barreiras raciais no mundo, é apresentada em seu livro de forma muito clara nos diálogos entre três jovens amigos: Lane, seu amigo judeu e o amigo Zulu. Por sua vez, Sarie nunca havia imaginado um mundo sem tais barreiras, mas também jamais havia encontrado um *coloured* tão bem educado e inteligente. A atração mútua leva o romance no melhor estilo Romeu e Julieta, mostrando uma estória que discute ainda as origens do povoado de *coloureds* existente naquela área, deixando transparecer que aquela povoação é consequência do comportamento ambíguo e hipócrita dos brancos, que condenam os relacionamentos interracialis mas mantêm relações íntimas ilegítimas com as mulheres negras e *coloureds*.³¹

Os limites das relações sexuais-afetivas interracialis estão claros em cada um desses romances, não importando a identidade racial do autor ou sua filiação ideológica. É fato notável é a ausência de finais felizes para cada uma dessas tramas: Clara dos Anjos é abandonada por Cassy, enquanto Lima Barreto escreve entusiasmadamente em favor da educação das mulheres da classe trabalhadora como uma forma de prevenir que essas se deixem levar por romances açucarados e conversas de sedutores mal intencionados; Marta é abandonada pela família, desprezada pelo único homem que amara – um jovem negro que conhecera na viagem pelo Rio

³¹ TERREBLANCHE, Sampie. *A history of inequality in South Africa, 1652-2002*. Sandton: University of Natal Press, 2002.

São Francisco – e segue seu destino na prostituição exposta a doenças e à morte precoce; Antônio Balduino, que recebe dos braços da moribunda Lindinalva o filho branco que irá criar como seu e o pedido de perdão que esperara por toda a vida, nem mesmo se permite beijá-la e exige para esta um enterro de donzela; Sarie e Lane são mortos numa batalha contra um grupo de racistas afrikaners que tenta impedir que o casal fuja para viver em outro país; Stephanie, ameaçada de ter seu único filho afastado de si, denuncia Pieter por crime contra o *Immoralist Act*, que proíbe as relações entre brancos e não brancos, e o Afrikaner é condenado pelo crime mas escapa à prisão, enquanto seu pai comete o suicídio, sua irmã perde o noivo, e a família cai em total desgraça. Stephanie, por sua vez, desaparece com seu misterioso filho.

Outro fato comum a todos os romances examinados diz respeito à identidade racial das mulheres e da maioria dos homens. Com exceção de *Jubiabá*, que traz um herói negro, todos os outros retratam relações entre brancos e mulatos ou *coloureds*. As mulheres retratadas como belas e sensuais não são negras mas pertencem a este grupo intermediário entre brancos e negros. Isso faz indagar sobre as representações de beleza feminina e de como as mulheres negras – no Brasil e na África do Sul – são excluídas dos padrões de beleza considerados atrativos. Em outras palavras, se as heroínas românticas e sensuais dos romances devem ser retratadas como belas

e atraentes, parece que há um consenso de que essa beleza deverá incluir traços físicos europeus, expressos na pele mais clara, nos cabelos longos, nariz afilado, etc.

A hipótese que se levanta aqui é de que traços do racismo ou do colonialismo associado à representação do “outro” se inserem no discurso dos romancistas e mesmo os mais liberais e militantes em defesa da igualdade racial não podem evitá-lo. Lima Barreto, por exemplo, descreve Clara dos Anjos como uma mocinha simples, bem-educada, dócil e bela, enquanto retrata a primeira jovem seduzida por Cassy, uma moça negra que trabalhava na casa do vilão como feia, desdentada, dizendo palavrões, alcoólatra e prostituta barata. Entre as heroínas de Jorge Amado – desses e de outros romances – nenhuma negra, todas mulatas.³²

No caso da obra de Alan Paton nem se pode utilizar o termo heroína em referência a Stephanie, pois a personagem tem poucas e curtas falas no romance e seus traços físicos não são descritos. Mesmo quando está nos braços de Pieter não há qualquer diálogo ou mesmo protesto da parte dela. A palavra amor não é dita uma vez sequer na novela e a única pessoa que tem laços familiares, vida social e uma história é o afrikaner Pieter. O contrário se passa no livro de Peter Abrahams: numa clara preocupação em situar o personagem

³² GUIMARÃES, Antonio. Raça, racismos e grupos de cor no Brasil. *Estudos afro-asiáticos*, n. 27, p. 45-63, 1995 e GORENDER, Jacob. *Brasil em preto e branco: o passado escravista que não passou*. São Paulo: Senac, 2000.

coloured, dando-lhe família, amigos, ideologia, e uma história, o autor ressalta a humanidade negada pelo regime e pela cultura de segregação na África do Sul.

Para finalizar, resta dizer que o racismo e sua complexa rede de incorporações, associações, representações e manifestações é um elemento importante da história cultural. Está presente na trajetória histórica das sociedades e persiste no cotidiano, muitas vezes reluzindo no brilho fugaz de um relâmpago que nos atinge iluminando o passado que segue ainda presente.³³ O racismo afeta não apenas as atitudes, políticas e leis, mas os sentimentos e os modos como as relações se constroem e são constituídas, fato que demanda a necessidade do historiador em conduzir o seu trabalho além das molduras dos métodos tradicionais, ainda que sem eliminar a validade dos documentos oficiais e seu impacto nessa dinâmica.

Apesar de serem escritos de ficção, os romances capturam e refletem elementos vivos de problemas sociais vivenciados ou testemunhados pelos autores, além de promoverem ideias e propostas para solução dos problemas apresentados em forma de novela. Em alguns casos, o autor descreve a paisagem, as cenas que ele vê através de uma janela; cito aqui como exemplo a obra de Aluísio de Azevedo, *O cortiço*.³⁴ Noutros, assistem de uma posição em que sua visão do objeto é limitada como no trabalho de Alan Paton, por

³³ BENJAMIN, Walter. *Theses on the philosophy of history*. New York: Knopf, 1969.

³⁴ AZEVEDO, Aluísio de. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 1997.

exemplo. Em outros casos, descreve sua própria experiência utilizando-se de personagens e situações fictícias, como alguns sugerem que Lima Barreto tenha feito em *Recordações do escrivo Isaias Caminha*.³⁵

Nas obras aqui examinadas, a literatura é o fruto de um momento histórico, da convergência entre a vida do autor, da sua imaginação e do ambiente que o cerca. Ela comunica mais do que uma história, discutindo ideologias por meio de dilemas e explorando os sentimentos humanos em relação às pressões sociais, políticas e econômicas que os cercam, algo que a história somente poderá explorar de maneira muito limitada e especulativa. Cabe lembrar que toda pessoa que escreve, o faz para um determinado destinatário. Os autores literários escrevem para um determinado público e isso influencia suas escolhas de abordagem e discurso tanto quanto suas opções ideológicas. No caso dos autores e obras aqui examinados, havia a intenção de influenciar seu público e interferir nos rumos de sua sociedade que atravessava um momento crucial em termos de tensões sociais, econômicas e políticas.

O que muitos consideram como o grande contraste entre a história do Brasil e a história da África do Sul, o fenômeno da segregação racial neste país e a tendência brasileira em aceitar a miscigenação racial, precisa ser revisto sob outra ótica, já que inúmeros

³⁵ BARRETO, op. cit., 1995.

elementos apontam para o fato de que a segregação não impediu a miscigenação na África do Sul e de que a miscegenação no Brasil não significa a ausência de barreiras raciais.

Entre as obras dos romancistas aqui apresentados evidencia-se o uso da liberdade criativa para explorar sentimentos de superioridade/inferioridade relacionados ao racismo e que transparecem ou emergem nas relações de afeto e sexualidade entre pessoas consideradas diferentes racialmente. As tramas são ficcionais, mas ainda assim apresentadas como uma possibilidade de realidade ao misturar tragédias individuais a contextos sociais, econômicos e políticos. Leis e normas, escritas ou simplesmente praticadas, por razões ligadas ao desejo de poder em todos os seus aspectos determinaram a exploração sexual de muitos, ainda que não impedissem o desejo sexual e romântico entre tantos outros, ainda que os limites do romantismo literário impusesse uma barreira no modo de retratar essas relações, impedindo finais felizes.

A forte influência de uma trajetória histórico-cultural de colonização, dominação e exclusão se manifesta na representação do que é belo, do que é atrativo e do que é possível. O amor, idealizado a partir da cultura europeia, foi elemento excluído nas representações colonialistas dos povos dominados, e a sexualidade se mostrou por muito tempo como uma consequência natural da dominação colonial e escravista. Já no século XX, essa sexualidade e afetividade continuam a causar desconforto nas representações dos relacionamentos

românticos possíveis. Sentimentos indesejáveis, seja pela questão estética das reproduções da herança cultural colonialista, seja pela ausência de apelo junto ao público leitor, que naquele momento era em sua maioria pertencente às classes mais elevadas, e, portanto, predominantemente branca. Por último, destaca-se a influência que a hierarquização racial exerce sobre os autores, concebendo os brancos como superiores, os mestiços como intermediários e os negros como últimos na escala de valores.

Referências

Bibliografia

ALEXANDER, Peter. *Alan Paton, a biography*. Oxford/Cape Town: Oxford University Press, 1995.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Theses on the philosophy of history*. New York: Knopf, 1969.

BLAIR, Peter. That ‘ugly word’: miscegenation and the novel in pre-Apartheid South Africa. *Modern fiction studies*, v. 49, n. 3, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

CAULFIELD, Sandra. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro: 1918-1940*. Campinas: Unicamp, 2000.

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COETZEE, John Maxwell. The mind of Apartheid: Geoffrey Cronjé. *Social dynamics*, v. 17, n. 1, p. 1-35, 1991.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DOLHNIKOFF, Miriam. *José Bonifácio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- DUBOW, Saul. *Scientific racism in modern South Africa*. Cape Town: Cambridge University Press, 1995.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: UFBA, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.
- GAY, Peter. *The cultivation of hatred – the bourgeois experience: Victoria to Freud*. London: W.W. Norton, 1993.
- GORDIMER, Nadine. *The essencial gesture: writings, politics and places*. Penguin: Cape Town, 1988.
- GORENDER, Jacob. *Brasil em preto e branco: o passado escravista que não passou*. São Paulo: Senac, 2000.
- GUIMARÃES, Antonio. Raça, racismo e grupos de cor no Brasil. *Estudos afro-asiáticos*, n. 27, p. 45-63, 1995.

JOCHELSON, Karen. *The colour of disease: syphilis and racism in South Africa, 1880-1950*. New York: Palgrave MacMillan, 2001.

MAGER, Anne. *Beer, sociability and masculinity in South Africa*. Bloomington: Indiana University Press, 2010.

POSEL, Deborah. Race as common sense: racial classification in twentieth-century South Africa. *African studies*, v. 44, n. 2, p. 87-113, 2001.

_____. *The making of apartheid, 1948-1961: conflict and compromise*. Clarendon: Oxford University Press/Clarendon Press, 1991.

ROCHA, Elaine. Antes índio do que negro. *Dimensões: Revista de História da UFES*, Vitória, n. 18, p. 203-220, 2006.

_____. *Racism in novels, a comparative study of South African and Brazilian Cultural History*. New Castle: Cambridge Scholars Publishers, 2010.

TERREBLANCHE, Sampie. *A history of inequality in South Africa, 1652-2002*. Sandton: University of Natal Press, 2002.

VASCONCELOS, José. *The cosmic race*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1997.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Marxism and literature*. Oxford: Oxford University Press, 1977.

Fontes

ABRAHAMS, Peter. *Mine Boy*. Johannesburg: Henneman, 1989.

- _____. *The path of thunder*. Claremont: David Phillip, 1984.
- AMADO, Jorge. *Jubiabá*. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- _____. *Seara Vermelha*. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- AZEVEDO, Aluísio de. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 1997.
- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Ediouro, 1997.
- _____. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 1995.
- MPHAHLELE, Eskia. *Down the second avenue*. London: Faber & Faber, 1959.
- PATON, Alan. *Cry, the beloved country*. New York: Macmillan Publishing Group, 1948.
- _____. *Too late, the phalarope*. New York: Simon and Schuster, 1995.

Recebido em 10 de março de 2012; aprovado em 12 de junho de 2012.